

ATOS | SIMBOLOGIAS

Há, no trabalho de muitos artistas negros contemporâneos, um certo desejo de desestruturação do mundo. Um impulso disruptivo que advoga em defesa da imaginação como a capacidade de sabotar qualquer tentativa de autorreprodução desse mundo-ruína, colocando em prática estratégias de existir longe da miséria e catástrofe à qual foram empurradas essas vidas. Esse ímpeto bélico impõe no âmago das cartografias coloniais formas inomináveis de ser e estar no mundo e, movendo-se sempre na linha do impossível, surge a oportunidade de retomar as rédeas do jogo para seguir adiante. Aqui, “ir além”, só é concebido mediante o desligamento radical com as construções do que Juliano Gadelha (2021) nomeia de “Mundo do Mesmo”, ou seja, o mundo branco, ocidental e as suas determinações que insistem, mesmo no nosso tempo, em alocar os corpos desviantes em bases essencialistas e reducionistas. Nas palavras do autor, o ato de desligar-se de um mundo devorador de mundos, é praticável apenas por meio da Quebra e, em alusão a força suave da navalha, pelo corte total dos laços com as suas engrenagens. Aqueles que vivem em desacordo a essas normas, estão há muito na arena de batalha, suportando as implicações de uma constante e histórica crise. Em função disso, compreendem que todo projeto de destruição, é, por consequência, um projeto de criação, minando qualquer postura reformista intencionada a manter vínculos com essa realidade que, emergindo como única e imutável, decreta os rumos a serem traçados por esses sujeitos e os eventos aos quais serão expostos. O entendimento de que a realidade é cambiável, milimetricamente elaborada, portanto, suscetível a mudança, tem levado esses artistas a lugares inimagináveis, demonstrando a importância de intervir ética e esteticamente no real, instaurando um novo horizonte de possibilidades distante do horror que assola o agora.

Assim, enquanto aguardamos ávidos a queda do mundo, deveríamos nos questionar de que modo seria possível para artistas negros, trans e indígenas existirem segundo as suas próprias convicções sem ceder às investidas do sistema da arte — na sua missão de autopreservação —, atentando contra tais corpos e promovendo a pasteurização das suas práticas? Evidentemente, se posicionando no caminho contrário, na direção do que não pode ser facilmente reconhecido, penetrando no império das sombras, do indizível; fazendo do corpo, matéria sublimada em vias de tornar-se mero espectro no tempo. Habitar esse ambiente enigmático onde concorrem o ruído e o silêncio, a reconstrução e a destruição, o topo e a base, a fuga e o mistério, configura uma das estratégias para desmontar o olhar ansioso pela apreensão de tudo à sua volta, impedindo-o de assimilar os fenômenos observados.

A ideia é semelhante a um embaralhar de cartas: escondendo-as sob a manga, lançando-se outra vez além das transparências para, como lembra Glissant (2008), reivindicar o “direito à opacidade”. Esse corpo opaco, à qual Glissant apela, está completamente indisposto diante de formulações autoritárias interpostas entre ele e o “não saber” das coisas do mundo. Na qualidade daquilo que reside num espaço recôndito no cosmos, é a forja em que se fabricam as multiplicidades do ser, por vezes em consonância com o escuro. A opacidade impede a articulação do desejo voraz, tipicamente ocidental, em querer hierarquizar e organizar, numa taxonomia da violência, tudo o que vive dentro e fora do mundo. Prega, por fim, contra a necessidade de ser o “Outro” reificado de um “Eu” universal. A metáfora do buraco negro é extremamente auspiciosa nesse contexto, pois, esse corpo estranho espalhado aos montes pelos confins do universo, expelindo jatos de partículas aceleradas com o poder de criar e aniquilar planetas, fascinando e, simultaneamente, desmobilizando os anseios humanos por compreendê-los, inspira esses artistas, no combate ao consumo das suas práticas, a portar-se como um: sombrio, desafiador e faminto, resguardando sempre uma boa e vigorosa dose de mistério, cara a todo indivíduo.

Nessa empreitada arrivista, em que o prejuízo é apenas o deste mundo, surge a mostra “Atos/Simbologias”, de Guilhermina Augusti. Nascida em São Paulo e baseada no Rio de Janeiro desde 2017, o seu trabalho tem se voltado para essas questões, trazendo para o centro do debate o corpo negro e travesti. Desenvolvido de forma independente, esse projeto é importante por se tratar da sua primeira exposição

individual, exibindo, também, a sua primeira série de serigrafias. As obras expostas apresentam a investigação da artista em torno das simbologias e signos presentes nas religiões afro-brasileiras e em outras culturas e tradições africanas, como a simbologia Adinkra dos povos Ashanti, habitantes antigos do território hoje conhecido como Gana. Muitos desses símbolos, principalmente aqueles oriundos da umbanda e do candomblé, foram, em alguma intensidade, explorados no trabalho de Abdias Nascimento, Rubem Valentim e Yêdamaria, nomes com os quais Guilhermina dialoga, recolhendo formas e cores procedentes das suas pesquisas estéticas. Reivindicando essa tradição de pintores negros, Guilhermina se soma a uma série de outros profissionais, aproximando de um público mais amplo o trabalho fértil desses artistas e retirando-os do ostracismo em que foram deixados pela história da arte brasileira. Nas suas serigráficas, essas referências são cada vez mais evidentes: de Valentim, a artista mira o rigor simétrico inerente às suas obras. As linhas e os traços finos dos seus símbolos, predominantemente na cor preta, remetendo aos pontos riscados da umbanda, e o modo como o espaço é erguido nas suas telas, respeitando cheios e vazios, apontam a influência de Abdias Nascimento no seu processo. O uso de cores vibrantes, em especial o vermelho e o amarelo, por Yêdamaria, orienta o interesse cromático de Guilhermina.

Fruto da sua pesquisa em andamento desde 2022, a exposição tem como ponto nevrálgico, além dos pintores citados, o Rio de Janeiro, para pensar, símbolos e signos espalhados na urbe, atestando a presença negra e travesti na formação da cidade. No seu deslocamento, a artista extrai formas que são examinadas, decompostas e combinadas a esses símbolos, forjando uma nova e secreta simbologia. Ao firmar compromisso com o estabelecimento de uma política da memória, Guilhermina remonta, recorrendo ao estudo desses signos e dos seus sobrevoos nos arquivos coloniais, uma história, por vezes esquecida, que seja um local de acolhimento para as vidas negras e atraveçadas. O lema “atraveçar/escurecer”, em uma das obras, é um anúncio convocando àquelas ameaçadas pelas políticas de morte a se reunirem numa disputa de poder, logo, de imaginário. Disputar imaginários para a cidade é se engajar na luta por uma escalada de vida, confrontando os rastros de horror deixados pelas medidas de governança, para implodir o destino cadavérico à espreita dos seres em desalinho.

Permeada pelo desejo de fazer morada, de erguer um ambiente confortável a ser habitado em pleno estado de vida, Atos/Simbologias foi estruturada em três eixos conceituais: habitar a cidade, habitar a lua e Ecloração. A noção de habitar, fala de um mundo onde a raça, sexo e gênero seriam apenas abstrações, artifícios de um passado remoto; e o corpo, outrora exposto aos desmandos dessas categorias, poderia fruir livremente rumando ao nada. Consciente da inexistência desse lugar, no seu exercício fabulatório, a artista atribui à lua o papel de ambiente apropriado à transmutação da matéria. Desse assentamento, veríamos a derrocada da raça dar vazão ao incomensurável. Para Guilhermina, a intenção de tal distanciamento do mundo seria a de refletir acerca dos efeitos nocivos da imposição de categorias sobre algumas corporalidades, circunscrevendo o seu campo de atuação. Sem se apoiar à “autorreferencialidade”, a mesma que vislumbra o encarceramento da sua poética na velha luta contra o espelho, o trabalho da artista favorece a construção de táticas para fugir desses dilemas e exceder os limites da raça, do sexo e do gênero. Ademais, a sua obsessão em conjurar vida não nasce de uma visão idealizada da arte, muito menos esbarra na crença do seu suposto poder transformador, como se esse pudesse conferir aos sujeitos vitimados pela maquinaria colonial o tão sonhado alento. Ao contrário, as suas ambições dizem respeito à abertura de outras rotas em benefício de um verdadeiro projeto revolucionário capaz de comportá-la.

CAIQUE CAVALCANTE